

Deus: o mistério transcendente e próximo

God: the transcendent and near mysteryns

JAIR LUIS REIS*

Resumo: O mistério de Deus nos é revelado em sua transcendência e proximidade, visto que Ele se autocomunicou e se fez dom para nós, comunicou sua verdade e nos salvou. O conceito de mistério nos permite adentrar no sentido mais profundo da compreensão divina e desvela a escuta e a adoração como formas fecundas dessa maior aproximação. Nesse percurso, primeiro apresentaremos o sentido teológico do termo, que muito difere do senso comum, para depois enfatizarmos as abordagens presentes nos padres da Igreja e na compreensão teológica de hoje. Como o tema é muito abrangente, trata-se de uma reflexão introdutória e os autores são representativos dos momentos focalizados.

Palavras-chave: Mistério. Transcendência. Graça. Encarnação. Trindade. Proximidade.

Abstract: The mystery of God is revealed to us in his transcendence and closeness, since, He communicated himself and made himself a gift to us, communicated his truth and saved us. The concept of mystery allows us to enter into the deeper meaning of divine understanding and reveals the listening and the worshipping as fertile forms of this greater rapprochement. In this course, we will first present the theological meaning of the term, which differs greatly from common sense, and then emphasize the approaches present in the Church's fathers and theological understanding of today. As the theme is very comprehensive, it is an introductory reflection and the authors are representative of the focused moments.

Keywords: Mystery. Transcendence. Grace. Incarnation. Trinity. Proximity.

* Jair Luis Reis é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: prof.jair@yahoo.com.br

1. Um olhar introdutório

O sentido mais comum da palavra mistério denota algo “secreto, escondido ou mesmo oculto”. Facilmente essa designação nos leva a entender que se trata de algo para o qual não se tem uma explicação, ou ainda, que não se podem ser averiguadas as causas de determinada ação ou fato. E essa referência se justifica pela própria raiz grega da palavra, visto que um dos significados é exatamente esse. Só quando nos reportamos ao âmbito religioso e, mais precisamente ao campo da reflexão teológico-cristã, esse conceito indica apenas uma pequena faceta do que o termo expressa. O nosso intuito é exatamente aprofundar teologicamente o que o termo quer expressar, porque permanecer somente nesse primeiro sentido, implicaria uma profunda redução do sentido da revelação e da própria teologia. Tiraria desse âmbito o sentido mais profundo e excelso, ou seja, a noção de Deus como mistério santo, mistério sagrado.

Em nosso discurso teológico, essa noção precisa estar muito presente, uma vez que nenhuma reflexão poderá jamais alcançar a totalidade do mistério de Deus, já que é maior que qualquer adequação humana, porém se dá na experiência e, por isso, a pessoa pode se relacionar com Ele. Mostrar que o mistério de Deus é algo que nos é muito próximo e ao mesmo tempo nos foge de uma objetivação é o intuito desse nosso olhar. Não cabe ao ser humano uma postura e pretensão de querer adentrar em todos os âmbitos do mistério divino, nem achar que já sabe tudo de Deus, pois se sucumbir nessa postura deverá voltar a compreensão basilar, ou seja, de que o conhecimento de Deus passa por mediações, por analogias, o que logo desponta um limite linguístico inerente à compreensão de Deus.

2. Contribuições ao conceito de Mistério

Num primeiro momento, procuraremos oferecer um breve esboço aproximativo do conceito de mistério para a compreensão teológico-cristã. Nessa busca, será fundamental trazer à luz da teologia do mistério dos padres da Igreja, para depois desse resgate fundamentar a reflexão subsequente.

Na teologia, o conceito de mistério vem num primeiro momento associado a uma intelecção sobrenatural, a qual designa algo que vai além do entendimento intelectual e é oriunda da revelação de Deus. O discurso acerca

do tema não se restringe somente à Teologia, mas também à ciência das religiões chega a uma síntese ao conceber como “plenitude de ser e realidade por excelência” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO: O DEUS CRISTÃO, 1998, p. 569).

Se, por um lado, expressa a dimensão transcendental que abarca o ser humano, por outro, enfatiza a superioridade, ou seja, o mistério pela sua natureza e razão de ser é superior ao ser humano e à sua realidade, mas ao mesmo tempo é algo que lhe é profundamente próximo (Ibid., p. 569-570).

2.1 A partir dos Padres

Se partirmos da reflexão dos padres da Igreja, veremos que a questão do mistério de Deus vem abordada a partir do prisma da “incompreensibilidade e infalibilidade”. O cerne desse discurso pode ser exemplificado por São João Damasceno quando diz: “a essência divina é incompreensível e inconcebível” (Ibid., p. 570). A sua reflexão põe em evidência o limite do discurso e da linguagem humana no âmbito dessa discussão.

Toda essa reflexão traz à baila toda compreensão neotestamentária, visto que o período patrístico teve como preocupação primeira a interpretação reta da Sagrada Escritura. E, para aprofundar mais a teologia desse período, destacaremos as contribuições de São João Crisóstomo e Santo Irineu de Lião.

O primeiro aprofunda em sua reflexão a absoluta transcendência divina. Ele o faz para que essa não venha a ser confundida com o poder terreno ou mesmo, qualquer realidade contingente. Para tanto, parte da verdade teológica de que Deus não pode ser controlado por nenhuma criatura ou por qualquer ordem natural.

Em sua primeira homilia, mostra como o conhecimento humano é limitado, ao caracterizá-lo como fragmentário, ou seja, alcançamos “parte de uma parte” (CRISTÓSTOMO, 2007, p. 20). Diante desse limite, enfatiza ser impossível chegar a essência divina” (Ibid., p. 23), realidade já expressa pela Sagrada Escritura, dada a sua incompreensibilidade.

Se, por um lado, manifesta a possibilidade do conhecimento, como atestamos pelos textos sagrados: “O conhecimento que tens de mim é maravilhosa” (Sl 138,6); “os mistérios e os segredos em tua sabedoria tu me ensinas” (Sl 50,8). Por outro, “o Senhor é grande, onipotente e sua inteligência é incalculável” (Sl 146,5), ou seja, é incompreensível. O mesmo limite vem apontado por São Paulo: “O nosso conhecimento é limitado e limitada nossa profecia” (1Cor 13,9).

Por essa razão, Irineu ressalta que ao ser humano é devida a modéstia, o reconhecimento de seus limites, bem como o “limite dos números, das sílabas e letras”, quando esse procura objetivar algo acerca de Deus. Dentro dessa lógica, mostra ser mais adequado reconhecer-se ignorante, ou ainda, de pouca cultura, para “aproximar-se de Deus pela caridade”. Como afirma o apóstolo Paulo: “Mas a ciência exata incha; é a caridade que edifica” (1Cor 8,1b).

O conhecimento humano deve estar pautado na modéstia e não na presunção de querer “ultrapassar o próprio Deus”, visto que Esse não poderá ser alcançado, já que é sem limites. A nossa busca por Deus deverá ser constante, ainda que não poderá ser abarcado em sua totalidade, e nem todas as verdades inerentes às obras criadas poderão ser conhecidas (IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 207).

O orgulho e a audácia humanos não podem objetivar os “inexprimíveis mistérios de Deus” (Ibid., p. 216). Quem procura fazê-lo está fadado ao fracasso e inclusive se afasta do próprio Deus, visto que não oferece as condições mínimas para conhecê-lo e amá-lo, ou seja, a humildade e a abertura de coração.

João Crisóstomo ressalta que a “grandeza e a beleza das coisas visíveis” são insuficientes em si, para comunicar o poder do Criador, porque elas não alcançam essa grandeza (CRISTÓSTOMO, 2007, p. 41). Outro aspecto primordial é que os desígnios de Deus são insondáveis (Rm 11,33). O apóstolo Paulo imputava o silêncio a quem procurasse perscrutar os desígnios de Deus (cf. Rm 9,18-20), visto que ao fiel cabe mais a contemplação e glorificação.

Essa realidade vem expressa com precisão por São Paulo quando infere que “Deus habita numa luz inacessível”, pois se a morada não é acessível, muito menos será Aquele que nela “mora”. Com essa linguagem metafórica ele não quis expressar que Deus habita numa casa e em determinado lugar, mas mostrar que Ele em sua essência é incompreensível (Ibid., p. 55).

Em contrapartida, o próprio Deus por meio do seu Filho, veio revelar a insondável riqueza do Evangelho (cf. Ef 3,8). Aqui o termo insondável pode ser entendido como algo não possível de investigação, dado que não existem vestígios racionais. Daí a necessidade do pleno assentimento na fé, plena abertura para essa riqueza divina, revelada em Jesus Cristo. Como diz São João: “O Filho Unigênito que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). Essa afirmação de que o “Filho.... está no seio do Pai” quer comprovar a “filiação

legítima” e de comunhão de essência. Nisso se desvela que há uma comunhão plena entre o Pai e o Filho de conhecimento e de amor. Essa mesma verdade se aplica ao Espírito Santo. Por isso, João Crisóstomo afirma: “... somente o Filho e o Espírito Santo conhecem a Deus de modo inteiramente perfeito” (Ibid., p. 77).

São João Crisóstomo assinala que Deus deve ser invocado como “inexprimível, inconcebível, invisível e incompreensível” (Ibid., p. 52). Ao afirmar isso, tem em mente a fronteira da linguagem humana, ou seja, Deus está além de qualquer adequação e do alcance da inteligência humana. Isso é porque, como diz Irineu “não é Deus que depende das coisas, e sim as coisas de Deus; com efeito, tudo vem de um só e único Deus” (IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 206).

Dessa forma, o conhecimento de Deus tem como fundamento a “verdade e o testemunho evidente de Deus” (Ibid., p. 212). O mistério que envolve essa noção, permite-nos uma aproximação a partir da economia salvífica, já que ela nos traz a certeza de que Ele é “o único e verdadeiro Deus e Pai que fez este mundo” (Ibid.). Isso sem perder de vista que no plano das coisas criadas, tem realidades reservadas somente a Deus (Ibid., p. 213).

Outro aspecto muito importante consiste em que nós experimentamos mais do que conseguimos expressar e transmitir. As comparações nos ajudam a sinalizar a nossa relação com Deus e são necessárias, mas o mistério em si, que é Deus, não consegue ser abarcado. A imagem que talvez possa nos ajudar é que Deus nos carrega em seus “braços”, mas tudo o que nós possuímos é insuficiente para alcançar a infinidade de Deus e a sua ação. O que nós percebemos de Deus pela economia da salvação não representa tudo o que Deus é em sua essência, ou seja, ainda que tenha se revelado com toda plenitude em Jesus Cristo, nós, seres humanos, não alcançamos essa totalidade.

2.2. Ênfase da compreensão atual do mistério

A teologia de hoje procura dar maior realce à “presença transbordante” e a proximidade com o Deus Santo. Claro que essa ênfase não invalida e muito menos menospreza a perspectiva da patrística e da escolástica, visto que mostra claramente que o “núcleo do mistério fica fora do alcance da inteligência humana” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO: O DEUS CRISTÃO, 1998, p. 570).

Com isso, o mistério sagrado não é uma realidade enigmática e distante

do ser humano, ao contrário, é o desvelamento do que Deus é em si e comunicação de sua “verdade e vida”. Desse modo, vem manifesto o que a pessoa humana é vocacionada a ser, como também a sua relação com o Deus de amor (Dicionário teológico o Deus Cristão, p. 571). Essa concepção representa uma recuperação e um resgate do conceito positivo do termo que está em profunda consonância com a Sagrada Escritura, na qual vem expresso que Deus se revela em Jesus Cristo (cf. Mc 4,11; Mt 13,11; 1Cor 2,1-16; Cl 1,26-27).

A revelação do mistério de Deus não se refere unicamente ao âmbito gnosiológico (do conhecimento), mas é sumamente revelação/realização do seu amor, que definitivamente alcança os seres humanos em Jesus Cristo. Nesse ato, o ser humano alcança maior proximidade como o mistério, ou ainda, com palavras de santo Agostinho, a “presencialização do amor do Pai” (Ibid, p. 570).

Assim, toda a existência de Jesus, sua morte e ressurreição nos remetem a Deus e permitem que compreendamos a profundidade desse mistério e a peculiaridade que ele concentra em si. Reconhecemos, assim, que é algo gratuito e também histórico, ou seja, alcança a realidade do ser humano no mais profundo da sua existência e a transforma.

O ser humano precisa de sinais sensíveis para compreender a revelação. Por isso, Deus se fez homem: para que o ser humano adentrasse no seu mistério e participasse da vida divina, tornando-se, assim, o elemento sacramental, inevitável para que este mesmo ser humano entrasse em perfeita comunhão com Deus. A riqueza da encarnação é expressa no prefácio da natividade, no qual vem expresso: “no mistério da encarnação de vosso Filho, nova luz da vossa glória brilhou para nós. E, reconhecendo a Jesus como Deus visível a nossos olhos, aprendemos a amar nele a divindade que não vemos” (MISSAL ROMANO, 1992, p. 410).

Pelo testemunho bíblico, vem revelado a nós historicamente o que é o mistério divino e como temos acesso a ele. Há o mistério enquanto promessa: Deus proclama sua promessa de salvação que tem seu princípio (gênese) na escolha de Abraão (Gn 3,15; 12,1-13; Rm 4; Hb 6,13-24) de Moisés e Israel (Ex 2,23-25), no testemunho messiânico dos profetas (Is 35,1-10; 40,1-5) e enfim, na plenitude dos tempos se desvela na pessoa de Cristo (Lc 1,46-55.68-79; 2,29-32; Jo 1,19-34; Gl 3-4); ele é “o mistério da revelação em ato”, nele o mistério se realiza e se estende a todos (1Cor, 2,1; Cl 1,25-29; 4,3-4; Ef 3,1-13; 6, 10); por meio da Igreja (ANCILLI, 1981, p. 711). Com efeito, o mistério de salvação é

abarcado pelo mistério de Cristo, atualizado e proclamado pela Igreja.

O mistério da encarnação do Verbo contém a interpretação onicompreensiva de todos os enigmas e das imagens típicas da Escritura e o sentido de todas as criaturas sensíveis e espirituais. Mas quem conhece o mistério da cruz e da sepultura, conhece as verdadeiras razões (*lógoi*) de todas as coisas ditas; quem penetra enfim na força escondida da ressurreição, compreende o motivo último pelo qual Deus criou tudo do início ao fim (BALTHASAR, 1998, p. 33).

As decisões e afirmações acerca de Deus devem ser efetuadas à luz do mistério central da fé: a encarnação de Jesus Cristo. Não é possível pensar Deus querendo elaborar doutrinas sem ter como elemento norteador e central a experiência histórico-salvífica do ser humano com Deus na pessoa de Jesus Cristo. Deus seria impensável e estaria distante do mundo, caso não tivesse se manifestado nos diferentes momentos histórico-salvíficos, que tiveram seu apogeu em Jesus Cristo, o qual nos comunicou a graça salvífica e se constituiu o acesso indispensável à realidade divina. Tudo isso foi possível porque esteve sempre em plena comunhão com o Pai: foi obediente a Ele em tudo, manifestou-o plenamente e, por isso, está unido a Ele, formando o único Deus em três pessoas distintas (BALTHASAR, 1978, p. 22). O Prólogo de São João centraliza tudo na pessoa do Verbo feito carne, inclusive a criação do mundo, afirmando a sua preexistência.

Nesse sentido, a compreensão do mistério de Deus se dá como “revelação e ocultamento”. E essa ação reveladora tem a sua iniciativa em Deus Pai, que se autocomunica no Filho, pela ação do Espírito Santo. Desse modo, chegamos ao eixo central do mistério trinitário. Nesse sentido, Odo Casel e Karl Rahner ajudarão a iluminar nossa compreensão.

3. Teologia do mistério em Odo Casel e Karl Rahner

O primeiro, em consonância com a tradição paulina, vê que o mistério cristão é ao mesmo tempo “manifestação e realização do plano eterno de Deus”. E essa noção entendida a partir da autocomunicação de Deus na história da salvação, por isto tem como centrais três temas: “a vida íntima de Deus, sua manifestação em Cristo, seu prolongamento na Igreja” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO: O DEUS CRISTÃO, 1998, p. 571).

3.1. Odo Casel

Na compreensão do teólogo supracitado, o mistério divino vem circunscrito em três sentidos basilares, que passaremos a desenvolver.

O primeiro sentido é “Deus em si mesmo”, ou ainda, o “Infinito e o Inacessível” (CASEL, 2009, p. 18). Ele somente chega a nós pela revelação, visto que Deus se revela como mistério. A sua dimensão sobrenatural alcança o ser humano pelo amor e “habita na criatura humana”. Mesmo Deus estando acima de todos os seres criados, ultrapassar a tudo, está relacionado com todos os seres e lhes permite participar da economia salvífica. No entanto, será no ato da encarnação que o conceito de mistério vai alcançar um novo sentido, ao desvelar a proximidade com Deus alcançada e sua presença visível e audível pela mediação única do Filho.

Desse modo, chegamos no segundo sentido de Casel, ou seja, baseado principalmente na tradição paulina, diz ser o “mistério a maravilhosa revelação de Deus em Jesus Cristo” (1Tm 6,16; Rm 5,8). A mesma verdade vem expressa em São João: “Ninguém viu a Deus: o Filho único que está no seio do Pai foi quem no-lo deu a conhecer”. O Verbo de Deus que assumiu a humanidade e foi crucificado é o espelho pelo qual contemplamos o mistério divino. Por isso, designa a Cristo como “mistério em pessoa”. E veio manifestar pela sua vida e ação essa realidade às testemunhas oculares e a toda a Igreja. Toda essa grandeza faz uma exigência fundamental, ou seja, a acolhida na fé, porque somente nela poderá ser percebida e reconhecida.

O terceiro sentido Casel traz para o campo da liturgia, tendo como pressuposto os dois anteriores. O teólogo parte da frase lapidar de São Leão Magno: “As presenças do Senhor e Redentor passaram para os mistérios”. Desse modo, a presença do Senhor, sua ação redentora, a sua graça, nós a contemplamos e experimentamos nos “mistérios do culto”, como igualmente ressalta Santo Ambrósio: “É em vossos mistérios que eu vos encontro” (CASEL, 2009, p. 19-20).

Esses três sentidos do mistério de Deus vêm situados por Casel mais no âmbito do culto e eles estão profundamente implicados um no outro, ou seja, O Deus em si mesmo nos vem revelado por Jesus Cristo e encontra sua máxima visibilidade na liturgia da Igreja.

Com isso, o mistério de Deus uno e trino nos vem comunicado pela economia da salvação. Claro que esse mistério pressupõe outros dois, ou seja,

o mistério da graça e da Encarnação. Não podemos esquecer que o ápice da autocomunicação e proximidade de Deus nos vem pela Encarnação, ou seja, nela é alcançada a máxima visibilidade e expressão, como ilustram (Fl 2,6; Cl 1,5; Jo 14,9; Jo 10,30). Esses textos ressaltam “a unidade no conhecimento e no amor, constitutivos da vida divina” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO: O DEUS CRISTÃO, p. 571). Tudo isso, sem perder o foco no núcleo trinitário da fé, ou seja: “Deus, por meio de Jesus Cristo, no Espírito Santo, é a salvação do homem” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO: O DEUS CRISTÃO, 1998, p. 572). E esse tema alcança uma explicitação maior com outro importante teólogo.

3.2. Noção de mistério em Karl Rahner

Quando nos referimos ao conceito de mistério, não nos é acessível a definição de sua essência. O mistério não pode ser posto em categorias, dessa forma, deixaria de ser o que é. Além do mais, a experiência transcendental, na qual o ser humano está indubitavelmente orientado para o Ser absoluto e em virtude de não poder ser denominada, nem delimitada, nem disposta, mostra-se ao conhecimento e à liberdade como mistério.

Para Rahner, o ser finito em sua unidade está relacionado tanto consigo como com o mistério absoluto (RAHNER, 1965, p. 548). Sendo assim, a abertura ilimitada da transcendência humana já tem necessariamente “o mistério como permanente horizonte indisponível ante si mesmo” (Id., 1961, p. 89). Somente Deus pode ser mistério para a criatura espiritual.

O teólogo apresenta três formas de mistério: a) o natural: é mistério num sentido mais largo, porque faz menção às realidades de Deus conhecidas por analogia; b) as verdades reveladas por Deus, uma vez que são realidades que concernem à história livre da salvação, a vontade eterna de Deus, as quais não podem ser alcançadas pela experiência natural. Esse mistério é mais estreito; c) também as verdades das quais o conteúdo é sabido somente pelo testemunho da revelação de Deus. Esse é o mistério num sentido mais rigoroso, mistério de primeira ordem (cf. Id., 1960, p. 595).

Mediante o que já falamos, vemos que o mistério diz respeito à relação entre “Deus estritamente como tal e o intelecto criado”. A pluralidade pressuposta dos mistérios divinos não pode ter como base a pluralidade de realidades criadas. Aqui, surge uma questão basilar: a da real possibilidade de haver uma pluralidade de mistérios como é em geral, pressuposto (Id., p. 64-65). Essa é

uma questão da qual nos ocuparemos mais adiante.

Sendo assim, o mistério pode ser comunicado ao ser humano, porque este já se encontra elevado pela graça divina e, sob a influência da mesma, aceita a revelação do mistério. Assim, a comunicação do mistério se realiza unicamente na graça, porque a audição desse mistério somente acontece para um sujeito divinizado pela graça (Ibid., p. 62-63).

3.2.1. O ser humano orientado ao mistério indisponível

A pessoa humana, em sua constituição, é um ser de absoluta e ilimitada transcendência. Dessa forma, tanto seu conhecimento como sua vontade se concretizam com base nessa transcendência (Ibid., p. 68-69). Com isso, o teólogo quer designar que a pessoa encontra no mistério o fundamento para toda a sua existência. No entanto, sempre permanece o questionamento se ela realmente se confia a Ele ou se procura suprimir ou ignorar esse fundamento central de sua vida (Ibid., p. 68-69). Rahner entende o ser humano como ser voltado para o mistério como tal, com isso considera como pressuposto a sua elevação sobrenatural. Define o ser humano como ser do mistério.

Já o mistério no sentido mais rigoroso é o que nos é revelado pela própria palavra de Deus (cf. Id., 1962, p. 450-451). Rahner insiste continuamente que Deus é incompreensível em sua natureza, uma vez que é distinto de tudo o que pode ser concebido pelo ser humano. Por isso somente Deus dispõe de si e de tudo o que Ele mesmo criou (Cf., 1968, v. 2, p. 189).

Em referência ao que acabamos de mencionar, encontramos na Escritura relatos que evidenciam a indisponibilidade de Deus, quando é dito que Deus é aquele a quem ninguém nunca viu (cf. Jo 1,18; 6, 46; 1Jo 4, 12), o qual habita na luz inacessível (cf. 1Tm 6,16), que se doa ao ser humano como *Mysterium* (cf. Mc 4,11; 1Cor 2,7) (cf. Ibid., p. 190); porque em sua absoluta liberdade, dispõe de tudo e de si próprio. Ele é, e para sempre permanecerá, como tal e inclusive na visão beatífica será assim conhecido (cf. Id., 1962, p. 448). (cf. Rm 11,33; 1Cor 2,10; Ef 3,9; Jo 1,18; 1Tm 1,17; 6,16).

A sua indisponibilidade não faz com que Ele seja somente o sempre distante e o horizonte por meio do qual a pessoa e as demais realidades criadas se movimentam, mas se comunica a nós e compõe dessa forma a “realidade interna da nossa existência”, por sua vez, orientada para a imediatez. Deus é, assim, aquele que se doa no amor ao ser humano na permanente proximidade.

Rahner mostra que “o horizonte da experiência transcendental” se doa como realidade que não pode ser nomeada, que não pode ser delimitada, o indisponível. Se quiséssemos dar qualquer nome, estaríamos delimitando-o e restringindo-o. Tudo o que referirmos a Deus deve remontar à sua infinitude (RAHNER, 1961, p. 70). A busca de fomentar enunciados conceituais acerca de Deus defronta-se sempre com a experiência não-objetiva da transcendência como tal: é a busca por denominar o que não tem nome (Ibid., p. 70).

O ser absoluto, na sua condição ilimitada, apresenta-se como condição de possibilidade “de toda distinção e precisão categorial”. Deus, em sua amplitude infinita, não pode ser abarcado. Esse mistério sem nome e sem limite, ou ainda esse horizonte da transcendência, é indisponível ao ser humano. Ele sempre está aí, dispõe do ser humano e também se subtrai “a toda disposição da parte do sujeito finito” (Ibid., p. 71).

O horizonte da transcendência, do qual não dispomos, dispõe de nós quando nos confrontamos com algo, uma vez que, ao fazer algum juízo, submetemo-lo às leis da nossa visão. Dessa forma, o horizonte da transcendência se faz presente de modo que lhe é exclusivamente peculiar, a saber: ele se oferece a nós no modo da renúncia de si mesmo, do silêncio, da distância (Ibid., p. 72).

Por essa caracterização, denotamos que ele (horizonte da transcendência) não é experimentado em si mesmo, mas é “apenas conhecido de maneira não-objetiva na experiência da transcendência subjetiva”. Ela é a condição necessária para o conhecimento categorial. Por essa razão, o horizonte da transcendência é sempre dado “no *modus* da distância e do afastamento”; não sendo possível ir ao seu encontro de forma direta. Por outro lado, o ser humano vive sempre e em todo lugar do mistério sagrado, mesmo quando não tem consciência do mesmo (Ibid., p. 74).

Para nós, seres finitos, Deus é sempre mistério, incompreensível, e isso é percebido primeiro através da transcendência ilimitada do ser humano, a qual não pode ser definida, mas pertence ao que Rahner define como “os objetos originais”, ou ainda os elementos fundamentais da experiência humana e já se apresenta antecipadamente, ou ainda, faz parte do horizonte da compreensão humana. Fato é que a experiência transcendental não pode ser definida, nem encontra formulações adequadas para tanto.

O ser humano enquanto sujeito espiritual movido pela graça de Deus é um ser “ontologicamente orientado para a *visio beatifica*” (RAHNER, 1961, p. 75).

No entanto, a graça jamais poderá ser entendida como a supressão do mistério, mas, ao contrário, é a possibilidade real da “proximidade absoluta do mistério”. E, com isso, “o apreendido e o indisponível (incompreensível) são na realidade o mesmo” (Ibid., p. 76). Por isso, a graça permite que Deus seja percebido como mistério sagrado e como proximidade perene.

Para Rahner, portanto, o mistério é para o ser humano o fundamento da essência humana, sobrenaturalmente elevada, a qual por sua vez é a condição de possibilidade da compreensão e apreensão espirituais. O ser humano está familiarizado com o mistério e é amado desde sempre por Ele. Assim, o mistério é o ilimitado que dá fundamento a tudo sem ter um fundamento (RAHNER, 1975, p. 81-83).

3.2.2. O mistério e os mistérios cristãos

Rahner parte da afirmação teológica de que o ser humano é um ser orientado à visão beatífica e, por isso, está em absoluta proximidade com o mistério. Dessa forma, o mistério de Deus se abre ao ser humano como o incompreensível. No âmbito da realidade criada, não existe nenhum espírito absoluto. De fato, todo ente e de forma peculiar o espírito criado, devido a sua orientação ao Ser absoluto, também participa do mistério de Deus. Dessa forma, o ente somente poderá ser verdadeiramente compreendido pressupondo essa referência (Id., 1961, p. 83-85).

Nesse sentido, somente Deus como tal pode ser concebido como mistério. E aqui procuraremos responder à pergunta acerca da possibilidade de falar na fé cristã numa pluralidade de mistérios.

O autor enfatiza que, conforme a doutrina comum da Teologia, o mistério da Trindade e o mistério da união hipostática fazem parte do *mysteria stricte dicta*. O mistério da visão beatífica também pode ser situado no número dos *mysteria stricte dicta*, e, por isso, mesmo também a graça sobrenatural (Ibid., p. 87).

No entanto, mediante um exame mais detalhado acerca das proposições de fé que poderiam ser consideradas como *mysteria stricte dicta*, nosso teólogo nos diz que são elas: “o mistério trinitário de Deus em si mesmo e os mistérios da Encarnação, da graça e da glória” (Ibid., p. 89).

No entanto, a graça e a Encarnação não doam uma realidade distinta de Deus, mas sim o próprio Deus. E a humanidade na revelação histórica de Jesus

Cristo se aproxima do mistério santo e tal proximidade é conferida pelo próprio Deus (RAHNER, 1965, p. 548).

Deus é revelado como “mistério absoluto”. Ele é revelado mediante essa experiência transcendental sobrenatural na história e revelado está também o ponto culminante da história da revelação, que precisamente consiste na “absoluta e irrepitível unidade da autocomunicação transcendental de Deus para a humanidade e sua mediação histórica no Deus-homem – Jesus Cristo” (Id., 1969, v. 3, p. 834).

É na Encarnação e na graça que Deus se revela ao ser humano numa proximidade absoluta e “como absoluto mistério sagrado em si mesmo”. Estes dois mistérios – a graça e a Encarnação – são a “radicalização misteriosa” que, numa linguagem teológica, podemos denominar de mistério primordial, “Deus, como mistério sagrado e permanente para a criatura”, numa “proximidade radical”. E é por isso que a união hipostática é de forma absoluta a autocomunicação de Deus à criatura, exatamente como o mistério sagrado. Ela é assim a forma insuperável do mistério (Ibid., p. 93-94).

A comunicação absoluta de Deus à criatura faz com que a Trindade “imaneente” se torne a Trindade da “economia da salvação” e, da mesma forma, que a Trindade experimentada na economia da salvação seja de fato o Deus em si mesmo. Dito ainda de forma distinta: a Trindade, à qual nós temos acesso mediante o agir do Deus conosco, é o Deus em si: Deus Trindade (Ibid., p. 95).

Daí que os “três mistérios da Trindade” são a explicitação e o desdobramento do único mistério de Deus. E, na pessoa de Jesus Cristo, é mostrado que esse mistério absoluto é dado também sob o *modus* da proximidade pela autocomunicação do próprio Deus, não sendo assim unicamente acessível no *modus* da distância e do afastamento (Ibid., p. 98).

Os diferentes mistérios do Cristianismo podem desta forma ser entendidos como manifestação do único mistério. Mediante a Revelação, é-nos comunicado que esse mistério sagrado é absolutamente próximo. Disto somente tomamos conhecimento à medida que essa proximidade absoluta nos é comunicada ininterruptamente “na forma concreta da Encarnação e da graça” (Ibid., p. 98).

Desse modo, conforme assinala nosso autor, da mesma forma como existem três Pessoas em Deus para o Cristianismo há três mistérios absolutos, os quais proclamam que: Deus comunicou em Jesus Cristo e no seu Espírito a sua realidade para nós, como Ele é em si, para que o mistério indisponível nos fosse uma realidade próxima (Ibid., p. 99).

Conclusão

A presente reflexão ocupou-se em mostrar que Deus é mistério, o que já vem demonstrado por ser Transcendente, “Inefável e Inexprimível”, por jamais conseguirmos entrar em sua profundidade. E, por ser inefável – que não pode ser nomeado – sempre há algo para ser conhecido e percebido desse mistério que se aproximou de forma irrevogável na pessoa de Jesus Cristo. Para a Teologia, é muito importante a consciência de que Deus revela mais do que nossa linguagem humana alcança e que experimentamos mais do que conseguimos expressar em palavras e representações.

Sendo assim, mesmo no limite da nossa compreensão, Deus se doa totalmente a nós, Ele se autocomunica e se torna profundamente próximo e é nesse estar presente em nós, que somos convidados a nos entregar e fazer uma profunda experiência d’Ele, porque essa última nos permitirá estreitar a nossa relação com Deus e fará com que a proximidade alcançada em Jesus Cristo se torne cada vez mais visível em nossa vida.

Referências

- ANCILLI, E. *Temí di antropologia teológica*. Roma: Teresianum, 1981.
- BALTHASAR, H. U. V. *Teologia dei tre giorni: Mysterium Paschale*. Brescia: Queriniana, 1998.
- _____. O acesso à realidade de Deus. In: *Mysterium Salutis*, Petrópolis, Vozes, Vol. II/1, 1978.
- CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- CRISÓSTOMO, J. *Da incompreensibilidade de Deus*. São Paulo: Paulus, 2007.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.
- MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 1992.
- PIKASA, X.; SILANES, N. (Orgs). *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.

RAHNER, K. Geheimnis. RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*: theologisches Lexikon für die Praxis. v. 2. Freiburg: Herder, 1968, p. 189-196.

_____. Offenbarung II: Theologische Vermittlung. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*: theologisches Lexikon für die Praxis. v. 3. Freiburg: Herder, 1969, p. 832-843.

_____. Geheimnis in der systematischen Theologie. In HÖFER, J.; RAHNER, K. (Orgs.) *Lexikon für Theologie und Kirche*. v. 4. Freiburg: Herder, 1960, p. 593-597.

_____. Geheimnis II: Theologisch. In FRIES, H. (Org.) *Handbuch Theologischer Grundbegriffe*. München: Kösel, 1962, p. 447-452.

_____. *Gott ist Mensch geworden: Meditationen*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1975.

_____. *Schriften zur Theologie: neuere Schriften*. v. 4. Einsiedeln: Benziger, 1961.

_____. *Schriften zur Theologie: neuere Schriften*. v. 6. Einsiedeln: Benziger, 1965.

Artigo recebido em 24 de abril de 2017
e aprovado para publicação em 18 de maio de 2017

Como citar:

REIS, Jair Luis. Deus: O mistério transcendente e próximo. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 24-38, jan./jun. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>